

POEMAS DE LUIZ CARLOS CHIAPPINI

TÍMIDA ALEGRIA DO POETA

Quando te vejo, de louca alegria,
Danço ballet na linha
do horizonte dos telhados.
Acendo e apago, pisco piscando feito
Vagalume.
Dou um beijo na mulher barbada do circo,
Abafo os redemoinhos com peneiras,
Caminho nas pás do catavento,
Engulo em seco e,...
Timidamente, te estendo a mão e pergunto
Tudo bom?

TARDE NO SÍTIO

O ruído da cachoeira,
o loiro dos teus cabelos,
a picada, a trepadeira,
a pedra verde de musgo.

Água barrenta de açude.
Vontade de beijar tudo.
Quis te alcançar, mas não pude.
Quis te elogiar, fiquei mudo!

De tanto arrancar guanxumas,
na loucura que me deu,
caí de bunda e, em suma,
a inspiração se perdeu.

Se não posso chegar ao cume,
ao ápice, ao cimo,
Vou até o meio, mas não
desanimo...
Que horas são?
Onde fica a rua da Ladeira?
O beco dos enforcados?
A praça dos prazeres?
A fonte dos desejos?
Os jardins suspensos da Babilônia?

O DIA ABRIU SEU PÁRA-SOL BORDADO
Na minha realidade,
E eu cantei, apesar dela.
Mas...

POEMAS DE ANTÔNIO REBOUÇAS FALCÃO

A MORINGA

Ela traz em si o outro
Contido
Em dormência de encontro
Averso de si no outro.
A moringa é apesar de una
Enxuta
Armazém sólido, inconcluso.
Deseduca a pedra e é
Cloro na água impura.
Mistério que nos atravessa aos goles.

É da moringa o lengo
As mãos limpas
Os lábios úmidos de horror.

DIÁRIO

Espero agora a manhã
O frio da sala o favor do sol
Abandonado aos objetos
No comércio de zinco
Abandonado às almas
Na indústria do chocolate
O osso do peito partido
(me bata não quero não posso)
Os objetos perdidos e as mãos de fogo
Invejando o nexo das nuvens
Esperando as mulheres
No favor dos lençóis
No frio da pele
Não-falo
Observo a região íntima das unhas
E a face promíscua das cáries
Toco a carência leviana das ceras
E salivo salivo salivo
Assim a manhã vai longe
Tão longe como estão (através do vidro) as pombas
Os objetos refletem outras luzes e
Meu contorno vai inflando a sala
Despertando os insetos espertos
Revelando as manchas quentes
Na gordura dos cantos
Temo que os outros me venham com os avisos de sempre
A advertência da morte a promessa do limbo o beijo do castigo
A luz da manhã já é desimportante
No ruído humano das ruas
Alguns se levantam outros não
É uma densa cortina cercando a manhã
E por que espero tanto se o que vem me rouba a luz
Abro as janelas atravesso a varanda
E olho para baixo
Entre meus pés e o trânsito nascente
Paraliso-me
Já não é possível sair dos ladrilhos
Nem ultrapassar a mureta
Nem perder-me no ar
Nem misturar-me às últimas pombas no céu.

SE ESTA FOSSE MINHA

A rua toda quando desce,
A meu favor formam-se horizontes:
O cachorro, os meninos em roda de fumo,
Prédios ao fundo.
Componho o que já foi contemplação ansiosa.
E, hoje, desce como meia no largo sapato novo.

Quando dobro a esquina,
As bolas, gritos e vadiagens de passarinho
Lembram-me para sempre
Que já não amo crianças e filhos.